

Relatório escrutina mortalidade e sobrevivência de doentes com cancro

Ao longo de dez anos de parceria, cerca de cinco mil doentes foram encaminhados do SESARAM para a empresa Quadrantes.

Um relatório sobre a taxa de incidência, a mortalidade e a sobrevivência dos dez principais tipos de cancro registados na Madeira, com dados referentes a 2017, será apresentado, pela primeira vez, em abril.

O objetivo é analisar de que forma é que a Região está a trabalhar

e como tem de melhorar, explicou ao JM o secretário regional da Saúde, Pedro Ramos.

As doenças oncológicas têm sido responsáveis por matar 550 madeirenses, em média, por cada ano e só no ano de 2017 foram registados 1.327 novos casos, representando um aumento superior a 200, face a anos anteriores.

Segundo o gabinete da Secretaria Regional de Saúde, os tipos de cancro mais incidentes na Região são: em primeiro lugar o da mama (164); seguido do da próstata (125); em terceiro o cancro do colo retal (135); o do pulmão (107); o do aparelho genital femi-

nino (77) e o da cabeça e do pescoço (75).

A sobrevivência, acrescenta a mesma fonte, “varia em função

do tipo do tumor e é variável em função do estágio”.

“10% DAS DOENTES COM CANCRO DA MAMA RECUSAVAM-SE A IR PARA O CONTINENTE”

Cerca de dez anos passaram desde que um acordo foi formalizado, a 3 de fevereiro de 2009, com a ‘Quadrantes’, empresa responsável por prestar os tratamentos de radioterapia aos utentes do SESARAM.

Pedro Ramos, secretário regional da Saúde, lembra ao JM a época na qual os doentes tinham que realizar a travessia Madeira – Continente, em busca de tratamentos e exames que eram inexistentes na ilha. E foi desta forma que o governante introduziu uma parceria que diz ser responsável pela progressão dos “recursos huma-

nos”, “especialidades” e “procedimentos cirúrgicos” na Região.

Em 2008, o ano que antecedeu a assinatura deste protocolo, Maria do Carmo Mendonça Fernandes era encaminhada para o Porto, após ter sido diagnosticada com cancro da mama. Hoje, aos 53 anos, recorda, naturalmente sem saudade, a pensão onde ficou alojada e as preocupações dessa época: “Era mesmo rasca. Tínhamos uma cama para dormir e uma casa de banho. Tinha, na altura, dois filhos pequenos, a mais nova de oito anos e outro de 12; os mais velhos estavam na universidade. O meu drama era se eu não conseguia levá-los”, relata. Conseguiu. Mas ultrapassado esse problema,

tiveram de se desenrascar quatro pessoas, em pleno verão, a habitar, durante mês e meio, um quarto situado num sótão de escassas condições. No que toca à alimentação, o Serviço Regional de Saúde tinha um protocolo com restaurantes locais. Mas caso o doente

e respetivo acompanhante não quisessem frequentar os mesmos, deveriam solicitar os recibos para que lhes fosse, posteriormente, devolvida uma parcela da despesa.

Maria do Carmo Mendonça foi um caso entre muitos. Explica Pedro Ramos que a essa data, 50% das doentes com cancro da mama precisavam de fazer Radioterapia e que dentro deste universo 10% recusavam-se a ir para o Continente. Muitas delas nunca tinham andado de avião e optavam, então, por uma “cirurgia mutilante”: a mastectomia.

“Ao nível familiar e psicológico, é muito traumatizante acabar um ciclo desgastante e, de repente, ser arrastado de casa”, atesta Maria. “A primeira coisa que nos vem à cabeça, quando temos can-

cro, é que vamos morrer. Por isso, queremos aproveitar o tempo todo com os nossos filhos”, prossegue. Sem menosprezar o tratamento no Porto, que garante ser “muito bom”, Maria do Carmo Mendonça acredita que para o insular, estar na ilha, acompanhado pelos entes queridos, como amigos e colegas de trabalho, “é muito melhor”.

São tempos passados para Maria que, atualmente, vive sem cancro e é voluntária para esta causa. Apesar disso, garante que “fica sempre um estigma associado ao doente e o medo que a coisa volte”.

Presentemente, 170 novos casos de cancro da mama são tratados anualmente na Região e o início da atividade da Quadrantes na Madeira disponibilizou, de acordo com a Secretaria, tratamentos de Radioterapia, Braquiterapia e Radiocirurgia na ilha.

CINCO MIL DOENTES ENCAMINHADOS PARA A QUADRANTES

Entre 2009 e 2018, de acordo com o SESARAM, cerca de cinco mil doentes foram encaminhados

no Continente, veja quando isto iria custar à Região”, aponta o secretário. E feitas as contas, a Secretaria informa que esta parceria permitiu ao Governo Regional uma poupança anual de cerca de 260 mil euros.

Hoje, refere a mesma fonte, cada doente que é tratado na Quadrantes custa, em média, cerca de seis mil euros ao erário público. Por exemplo, só em 2018, os 571 doentes que tiveram acesso à Radioterapia, totalizaram uma verba aproximada de três milhões de euros.

Para além disso, foram realizados, entre 2013 e 2018, na referida empresa, cerca de 2.500 exames na área da Medicina Nuclear, entre estes de cintigrafia e renogramas.

A par deste protocolo, em 2013 o SESARAM decidiu criar a sua própria Unidade de Medicina Nuclear, onde inicialmente eram feitos apenas estudos de densitometria óssea. Em 2015, a unidade foi licenciada pela Direção Geral de Saúde, começando a funcionar corretamente em 2017. Desde então, quase 50% dos exames dei-

xaram de ser feitos na Quadrantes, passando a ter lugar no SESARAM, esclarece Pedro Ramos.

A parceria continua a existir, sendo que algumas especificidades podem apenas ser realizadas pela empresa, levando alguns médicos do Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira a solicitarem especificamente que o exame seja lá realizado, frisa o secretário.

“A relação do SESARAM com a Quadrantes tem vindo a intensificar-se, porque ano após ano temos tido mais doentes oncológicos, e com diagnósticos precoces, a fazer tratamentos adjuvantes”, acrescenta.

FALTA DE ESPECIALISTAS PARA A MEDICINA NUCLEAR

Pedro Ramos informa que o início da atividade de Medicina Nuclear no SESARAM obedeceu a regras próprias e a uma visita do Colégio de Especialidade para analisar o espaço físico e material da unidade. “Em termos de equipamento, o material é dos melhores que temos no País. Mas

depois, fomos analisar as nossas capacidades em recursos humanos e ainda são diminutas”, afirma.

A equipa de Medicina Nuclear é constituída por um médico especialista, dois técnicos de medicina nuclear (uma ausente devido a licença de maternidade), um enfermeiro, uma assistente técnica, dois assistentes operacionais e um farmacêutico a tempo parcial, refere a Secretaria. Conta ainda com a colaboração de uma Engenheira Física e de um engenheiro de electromedicina. “Em termos de recursos humanos, a unidade não está como queremos”, sublinha Pedro Ramos.

O secretário recorda que no ano passado foram abertas duas vagas para Medicina Nuclear, que ficaram desertas. “Não é uma área que tenha muitos especialistas em Portugal e a maioria dos profissionais já estava ocupada nas várias unidades do País”. Diz esperar que a abertura de novos concursos, prevista para breve, seja melhor sucedida e traga um aumento da capacidade de resposta. “Temos colegas em formação, que dentro de pouco tempo serão contratualizados. Mas até lá gostaríamos de aumentar a capacidade”, declara.

RESUMO DOS CONTRATOS DO SESARAM COM A QUADRANTE

Contratos / Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Radioterapia										
N.º Doentes	425	341	404	394	497	483	442	471	530	571
N.º Trat. / Cons.	10772	8741	9907	10151	13521	12721	10620	12 284	13 506	14 215
Braquiterapia										
N.º Doentes	12	34	29	11	12	25	12	12	18	19
N.º Trat. / Cons.	12	34	29	11	12	25	12	12	18	19
Radiocirurgia										
N.º Doentes	0	0	9	6	3	3	4	10	10	12
N.º Trat. / Cons.	0	0	11	6	3	3	4	10	10	12
N. Exames de Medicina Nuclear										
Cintigrafia*	343	527	517	351	310	369	396	478	385	202
Renograma	27	69	58	52	48	58	45	54	44	42
Outros exames	3	14	15	4	9	7	6	12	13	4

*a partir de junho de 2017 o SESARAM passou a fazer algumas cintigrafias que antes eram efetuadas pela quadrantes



Doenças oncológicas matam, em média, 550 madeirenses por ano.

164

MAMA

125

PRÓSTATA

135

CANCRO DO COLO RETAL

107

PULMÃO

77

APARELHO GENITAL FEMININO

75

CABECA E PESCOCO



RICARDO SOUSA

O presidente do Núcleo Regional da Madeira da Liga Portuguesa Contra o Cancro reconhece a evolução dos tratamentos disponibilizados pela Região e sobressai o acompanhamento que é dado pelas associações regionais de apoio aos doentes oncológicos e dos seus voluntários que, em conjunto com o trabalho desenvolvido pelo SESARAM, minimizam o desconforto dos utentes.



Tratamento por doente custa em média seis mil euros, diz secretário.